

As causas do calor de torrar

Aumento da emissão solar deverá nortear os debates científicos nos próximos anos

AMILTON BELMONTE

Feitos picolé ao sol. É como vêm se sentindo os gaúchos, sufocados e impressionados com o sistema de altas temperaturas estacionado sobre o Estado, elevando as máximas a um padrão quase desértico. Ondas de calor muito forte podem provocar tempestades com ventos de até 150 km/h, como o que atingiu Novo Hamburgo e cidades da região na sexta-feira e também na tarde e noite de ontem. E o pior: fenômenos semelhantes podem voltar a acontecer nos próximos dias, a qualquer momento e em qualquer lugar. Por serem localizados, a MetSul Meteorologia afirma que não é possível prever com antecedência onde exatamente vão acontecer.

A tendência é piorar nos próximos anos. No curto prazo, meteorologistas indicam que na primeira quinzena deste mês a temperatura se manterá nos 40 graus, e que ainda deve acontecer uma terceira onda de mormaço do verão até a semana que vem. "O que está acontecendo nas

regiões Sul e Sudeste é que temos um sistema de alta pressão, como se fosse uma barreira natural, mantendo as temperaturas elevadas e impedindo o avanço de frentes frias, que acabam deslocadas para o mar", explica a meteorologista do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) Kelen Andrade, garantindo que o "bafo" descomunal irá se manter, mesmo com pancadas de chuva esparsas.

Atuando para entender o clima da região Sul e da Antártica, mas em um trabalho de maior profundidade e análise de séries históricas, o coordenador da Divisão de Climatologia Subtropical e Polar do Centro Polar Climático (CPT) da Ufrgs, professor Francisco Aquino, ilustra que, se recapitulados os últimos 49 anos no Estado e na região Sul, a tendência é de aquecimento na temperatura média anual e sazonal. "De 1961 a 2009, tivemos em torno de 0,6° acima da média anual, que entre 1961 e 1990 era de 18,9° e hoje é de 19,3° na região Sul."

Diferente de El Niño e La Niña

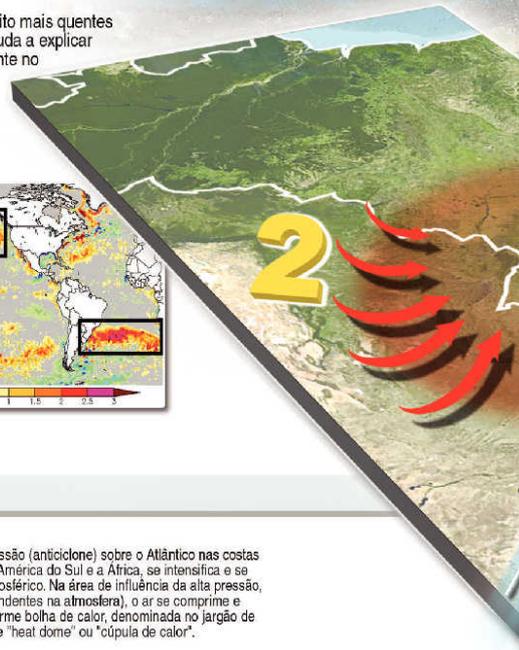
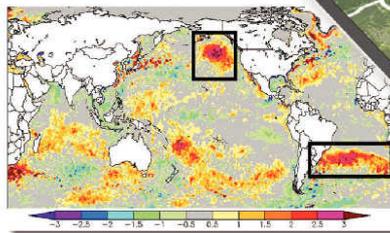
Ajudando a consolidar o primeiro centro nacional de pesquisa e ensino em área essencial para o Programa Antártico Brasileiro, além de contribuir para a implementação da Rede Brasileira de Pesquisas sobre Mudanças Climáticas Globais, o professor Fernando Aquino, do Centro Polar Climático da Ufrgs, é referência em análises de sistemas climáticos no País e

comenta que as altas temperaturas são fenômenos diários, mas que a reprodução delas ao longo das últimas décadas deriva de outra lógica. "Se há tendência secular de aquecimento global e tendência de aquecimento no Sul do Brasil, é óbvio que é algo que não nasceu ontem e, portanto, difere de eventos como El Niño e La Niña", diz. O fenômeno climático é o mesmo discutido no Hemisfério Norte, detentor de outra geografia e enfrentando um frio sem precedentes. "O que nos salva é que a nossa maritimidade (costa marítima) é maior, então a coisa ainda não é tão extremada por aqui", explica.

▶ ENTENDA O QUE ESTÁ ACONTECENDO

Temperatura do mar é de 27°C

Um dos motivos para o janeiro escaldante é o mar muito quente na costa gaúcha com temperatura de 27°C, mais típica do Sudeste do Brasil. O mapa abaixo mostra os desvios em relação à média (anomalia) da temperatura da superfície do mar em todo o planeta. O que chama a atenção são as duas principais áreas do mundo em que a temperatura do mar está mais acima do normal: uma na costa do Alasca e outra entre o litoral do Sul do Brasil e a África do Sul. Esta área enorme de águas muito mais quentes que a média no Atlântico Sul ajuda a explicar este verão até agora muito quente no Rio Grande do Sul.



O FENÔMENO

1 - Um persistente sistema de alta pressão (anticiclone) sobre o Atlântico nas costas do Sul e do Sudeste do Brasil, entre a América do Sul e a África, se intensifica e se estabelece um padrão de bloqueio atmosférico. Na área de influência da alta pressão, com a subsidência (movimentos descendentes na atmosfera), o ar se comprime e aquece ainda mais, formando uma enorme bolha de calor, denominada no jargão de meteorologistas dos Estados Unidos de "heat dome" ou "cúpula de calor".

Alta pressão na atmosfera

Meteorologista do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), Kelen Andrade diz que o "bafo" do verão sulista decorre de uma alta pressão mais intensa que o normal em todas as camadas e níveis da atmosfera. "Associada a tempo bom, pois é um ar que desce, comprime e esquenta", explica. Kelen garante não haver uma justificativa para o fenômeno. "Neste

momento, não há como dimensionar se este evento é extremo ou não, mas apenas se fizermos um comparativo com outros anos, em uma série histórica", pondera ao lembrar que no verão há anos com maior incidência de chuva e outros com predominância do calor.

Ela confirma que a única forma de amenizar o mormaço é a chegada de uma frente fria, com a nebulosidade trazendo a chuva. "Que refrescará em um primeiro momento, mas não impedirá a sequência do mormaço", diz, garantindo que o sol continuará dando as cartas no início de fevereiro.

Impossível prever os temporais

A partir de hoje, a onda de calor histórica pela intensidade e duração que atinge o Estado vai entrar em uma "segunda fase", e ainda mais intensa. A MetSul informa que as máximas, que até agora têm oscilado entre 38° e 40°, ficarão acima dos 40 no Estado, podendo atingir, à sombra, 42°. Grande parte da semana deve ser de tempo seco no Sul do Brasil, sob uma massa de ar extremamente quente, que fará do começo de fevereiro um dos períodos mais tórridos da história recente do Sul do País. Correntes de vento de Norte trarão ar muito mais quente ao Sul, à medida que a grande bolha de ar extremamente quente, que vinha atuando até o momento mais no Leste, se estabelece sobre o Centro da América do Sul, cobrindo o Norte da Argentina, o Paraguai, parte do Centro-Oeste, o Sul e o Sudeste do Brasil. Até quarta-feira, os dias devem ser de marcas excepcionais de calor no território gaúcho. Enquanto aqui o calor é intenso, os Estados Unidos (EUA) é atingido por ondas de frio que chegam a 20 graus negativos e temporais de neve.